



NOEMIA & ANUNCIO

LEGADO
NOEMIA & ANUNCIO MICHELIN



Texto: Valquíria Vita
Diagramação: Fabiane Reginato
Edição e Revisão: Legado - Histórias de Vida
Fotos: Arquivo pessoal
Foto de capa: Foto Itália
Ano: 2021

www.historiasdevida.com.br



Este é um livro para quem gosta de uma boa história de amor. Mas que sabe que as boas histórias não são feitas apenas de dias fáceis. Noemia e Anuncio Michelin, no ano em que completaram 60 anos de casamento, registraram essa caminhada em livro. Nele, contam muitas das lembranças alegres e momentos de companheirismo — essenciais para guiar essa trajetória de seis décadas. Mas também falam de dificuldades (até essas, levadas com bom humor).

Não é todo mundo que chega aos 60 anos de casamento. E, também por isso, o casal é inspiração para muita gente. Em especial para os três filhos e seis netos. A família tem uma ligação muito especial. Muito maior do que os laços de sangue. É uma ligação que envolve admiração, respeito e gratidão. Não poderia ser diferente, já que é resultado de uma história tão cheia de sentimento como a de Noemia e Anuncio.

Bem-vindos a essa jornada, que começa nos anos 50, em uma Caxias do Sul muito diferente da atual, quando os dois, ainda muito jovens, se apaixonaram.

Duas vidas prestes a se unir

Quando tinha apenas 14 anos, Noemia Lentz da Silva começou a trabalhar para ajudar a família de nove filhos. Eles moravam em uma casa na entrada da Luiz Antunes, pois o pai trabalhava na vinícola. O primeiro emprego dela foi no Moinhos Corsetti, onde trabalhava de pé, empacotando farinha. Havia quatro irmãos mais novos do que ela na família, e a preocupação era manter o sustento de todos, principalmente daqueles que ainda não podiam trabalhar.

Desde antes dessa idade, no entanto, Noemia já ajudava nas finanças da casa. Quando a mãe, Amarolina, se queixava que faltava dinheiro até para comprar o pão, Noemia se oferecia para cantar na rádio no programa de calouros. Cantar sempre foi sua paixão, especialmente fado, estilo que ela aprecia, pela emoção que carrega.

Em 1953, com apenas 12 anos, participou de um concurso de calouros na Rádio Caxias. Prometeu à mãe que venceria. E voltou para casa com 50 mil réis. Venceu a competição mais de uma vez, graças ao talento para cantar, que foi incentivado pelo pai, Osvaldo. Ele reunia os filhos com amigos que tocavam gaita e violão e ela acompanhava na voz.

Noemia era uma menina tímida. Até que alguém falava em cantar. Uma de suas melhores recordações é de um carnaval de 1954, quando cantou nas três noites no Clube Pombal.

Enquanto aquela menina empacotava farinha no Corsetti e cantava por lazer, a alguns quilômetros de distância, o seu futuro marido vivia uma vida um pouco diferente — mas também de muito trabalho, desde cedo.

Anuncio Michelin, nascido em 1938, vinha de uma família formada quase exclusivamente de homens (irmãos todos iniciados pela letra A, nomes escolhidos pelos pais, Angelo e Adelaide).

Aos sete anos, Anuncio já trabalhava na estrebaria da família, que ficava nos fundos de uma garagem. Era responsável pelo chiqueiro. Em 1947, o pai transformou o espaço em uma churrascaria: Elite, a primeira de Caxias. E colocou todos os filhos como garçons. Anuncio, um dos mais velhos dos irmãos, liderava.

Ainda na juventude, virou piloto de teco-teco. Era destemido e adorava voar. E formou-se no curso de aviação, assim como todos os seus irmãos. Mas a maior paixão de sua vida estava prestes a começar.

Versinhos de amor de uma desconhecida

Noemia se preparava para um desfile de 7 de setembro do colégio Duque de Caxias, aos 13 anos de idade, quando avistou um rapaz alto, sorridente, de cabelo crespo, que tocava o bumbo. Foi a primeira vez que viu Anuncio, naquela época, com 16 anos, e já ficou interessada. Era 1955.

Os dois estavam em séries diferentes, mas durante as aulas de religião, a turma de Noemia ocupava a sala da turma de Anuncio enquanto eles iam para a educação física. E casualmente (ou seria o destino?) ela sentou-se na classe dele. Romântica desde jovem, deixou um versinho dentro da pasta de Anuncio. E a cada aula, deixava mais um. Ele ia respondendo, sem saber de quem eram as poesias.

"Nas ondas dos teus cabelos
Eu aprendi a nadar
Muitas vezes fui ao fundo
Mas voltei para te amar", dizia um dos versinhos.

Após algum tempo, Anuncio quis descobrir quem era a autora deles. E a esperou na saída da sala de aula. Foi quando conheceu Noemia.

Ele morava na Rua Pinheiro Machado, em frente à sede social do Recreio da Juventude. E sua paixão eram os bailes, pois ele adorava dançar. Tudo era muito formal naquele tempo. Os rapazes iam até a mesa das moças, estendiam a mão e perguntavam: "Você quer me dar o prazer dessa dança?" E, ao som da orquestra, dançavam, por uma ou mais de uma música, dependendo do quanto apreciavam a companhia um do outro.

Noemia não era muito chegada nos bailes, mas certa noite, foi acompanhante da irmã em uma festa de formatura no RJ. Era 23 de abril de 1955. Naquela década, meninas não saíam sem estar acompanhadas. Quando ela e a irmã passaram caminhando pela Pinheiro, Anuncio viu

Noemia, autora dos seus versinhos românticos, pela janela da churrascaria. E saiu correndo para ir ao baile também. Lá, encontrou a jovem no meio do salão cheio, e a tirou para dançar. “Desde então, não nos largamos mais.”

“E se a gente fugisse, Anuncio?”

O namoro começou depois desse baile. Noemia, tímida, nunca tinha namorado. Já Anuncio, mais expansivo e festeiro, tinha pelo menos mais duas namoradas ao mesmo tempo. Uma, diz ele, tão apaixonada que já havia comprado até fraldas para um filho que imaginava que o casal teria. Ele terminou o relacionamento com as outras e ficou apenas com Noemia. “Eu me engatei na morena,” declara-se.

Os dois esconderam o namoro da família por quase um ano. Na saída do colégio, de mãos dadas, Anuncio acompanhava Noemia para a casa todos os dias. Paravam no Parque dos Macaquinhos, que, naquela época, tinha as árvores recém plantadas, ainda bem baixinhas, e um lago com macaquinhos ao centro. Foi perto dessas árvores que deram o primeiro beijo. Rápido, para que ninguém visse.

Anuncio começou acompanhando Noemia duas quadras, três, quatro... até chegar bem perto da casa dela — mas não tão perto a ponto de ser visto pelos pais. Até que um dia, um dos irmãos dela os viu e contou à mãe. “Eles quase me bateram,” lembra Noemia. Os pais achavam que ainda era muito cedo para o namoro. Mas com o tempo,

tiveram de aceitar a ideia, já que nem Anuncio nem Noemia estavam dispostos a desistir do relacionamento.

Mais tarde, então, começaram a namorar em casa também, às quartas e sábados, quando Anuncio tinha folga na churrascaria da família. Como ainda não tinha carro, dava um jeito de chegar até a casa da namorada: ia a pé, de bicicleta, de caminhão, de carona com algum cliente. Uma vez, foi até a cavalo. Ficavam na sala, supervisionados por algum irmão, e às 22h, o pai dela batia na parede avisando que era hora de ir embora. "O namoro era só beijinho mesmo", diz Noemia.

Noemia estava apaixonada. E cansada daquele namoro supervisionado. Além disso, trabalhava muito. Tudo o que ganhava no Corsetti, o "ordenado" que chegava em um envelope, ia direto para o pai. Isso ajudava a cobrir as despesas da família, sendo dividido entre o açougue, o armazém e outras contas. Em casa, que era sempre um lugar agitado e barulhento, também tinha muitas tarefas (e muitos irmãos).

Quando tinha um raro tempo de descanso, gostava de ler revistas Capricho e romances Sabrina (que eram presentes de Anuncio). E talvez tenha sido dali que a romântica jovem tirou uma ideia que propôs ao namorado certo dia:

— E se a gente fugisse?

Surpreso com a pergunta, Anuncio, que nunca nem tinha pensado nisso — pois para ele, a vida estava boa como era — indagou:

— Mas vamos fugir para onde?

A ideia acabou não se concretizando, e os dois ainda seguiriam alguns anos namorando sob aquela supervisão, até terem sua própria casa e um pouco mais de liberdade.

Antes disso, foram sete anos de namoro. “Na minha cabeça, eu queria casar com ela. Tinha esse sonho de ela casar de véu branco e ser virgem.” E foi exatamente isso que aconteceu.

Drama amoroso na saída do Corsetti

O casamento começou a ser planejado em 1960, quando Anuncio levou as alianças na casa de Noemia e a pediu em noivado na frente (e com a autorização) dos pais dela. Naquele dia, para celebrar, a mãe dela preparou uma panela de massa e uma galinhada. “Eu ainda tenho essa aliança”, conta Noemia.

Anuncio também era muito apaixonado, mas ainda estava se acostumando com a vida em casal. Às vezes, após o namoro, saía da casa dela e ia para os bailes com os amigos, sem que a noiva soubesse. Certa vez, isso criou uma situação inusitada no trabalho de Noemia, onde ele a buscava todos os dias.

Ela e as três colegas estavam conversando, enquanto empacotavam farinha. O assunto das segundas-feiras era sempre os finais de semana, já que, naquela época, era raro que algo muito emocionante acontecesse. Quando

acontecera, precisava ser compartilhado. Uma das colegas contou que havia sido tirada para dançar em um baile e que o belo jovem havia se oferecido para levá-la para casa. Nisso, olhando pela janela, ela disse, empolgada.

— Olhem ali ele!

As três subiram em uma caixa para enxergar melhor.

— Aquele ali é meu noivo - respondeu Noemia, ao enxergar Anuncio, do outro lado da calçada, encostado em um poste com a perna dobrada (lembra da cena até hoje).

A colega, morta de vergonha, se desculpou, disse que não sabia. Naquele dia, não quis nem sair do trabalho junto com ela para não cruzar com o rapaz que havia dançado. Noemia saiu sozinha, séria.

Alheio a todo esse drama, Anuncio cumprimentou a namorada alegremente. Começaram a caminhar em direção à casa dela. Noemia não deixou passar. Esperta, soltou:

— O que tu fez este sábado?

— Ah, eu fui num bailinho, mas nem dancei...

— Tem certeza?

— Ah, dancei com uma menina e depois fui para casa.

— Pois é, essa menina é minha amiga e colega de trabalho.

— Não acredito! Escolhi, escolhi e caí justo na tua amiga!

Anuncio, hoje, diz que a verdade é que nem se lembrava da tal amiga. Que naquela noite havia dançado

com várias outras. "Modéstia à parte, tinha gente que brigava para dançar comigo. Eu era muito sem vergonha."

Essa fama de namorado incomodava o pai de Noemia. "O meu pai via ele falando com uma moça e me contava. Ele não queria que a gente se casasse. Eu era o 'dodói' do meu pai. Gostava muito da minha mãe, mas meu pai era especial, eu era muito apegada nele", conta. "O Anuncio, como era garçom e convivia com muita gente, tinha amiguinhas. Ele morava no Centro. Eu lá no arrabalde. Ele saía toda noite, frequentava Juventude e Juvenil, e eu só ficava em casa. Ia no Guarany, e olhe lá! A vida, para mim, era só trabalhar e namorar, eu não tinha turma de amigos."

Na casa dela, todos os dias de semana se comia feijão com arroz. Aos domingos, dia especial, galinhada com massa. "Tínhamos vidas muito diferentes. Quando namorávamos, fui convidada pela primeira vez para ir à churrascaria. Eu nunca saía para jantar, e naquela noite serviram um prato de arroz, salada, carne... E eu nem comi, porque tinha vergonha de comer. Veio um espeto de 700g de carne, e, sem mentira, o Anuncio comeu tudo! Eu fiquei apavorada com aquilo. Porque se fosse na minha casa, a gente dividiria aquele pedaço em nove pessoas."

Anuncio não via essa diferença. "Para mim, a família dela ser mais humilde, nunca fez diferença, nunca pensei sobre isso. Meus pais também nunca acharam isso ruim. Meu pai, quando morreu, disse que ela foi uma filha para ele," diz.

Foi Noemia que cuidou do sogro, muitos anos mais

tarde, no hospital. “Eu acho que isso tem a ver com eu ter sido a quinta filha da minha família. Minha mãe fez de tudo para abortar, tomou todo tipo de chá. Não queria mais filhos, tinha tido cinco, um atrás do outro. E isso me afetou muito, me deixou insegura. Até hoje, noto que sou assim. Parece que tenho que sempre estar ajudando alguém para me sentir útil”, conta, sem nenhum arrependimento de ter ajudado o sogro, a quem amou muito, mas reconhecendo um comportamento que, para ela, foi recorrente durante toda a vida.

“Minha filha, ainda está em tempo!”

Anuncio também acabou ficando próximo da família de Noemia. “Ele era muito atencioso e educado. Procurava sempre dar atenção aos meus pais. Ele comprava uma mesa para os bailes do Guarany, e nós íamos os quatro”, diz ela.

Mesmo assim, no dia do casamento, o pai de Noemia quister certeza, mais uma vez, de que a filha estava tomando a decisão certa. A preocupação dele era, principalmente, com o fato de as duas famílias serem muito diferentes. Ao meio-dia, disse a ela:

— Minha filha, ainda está em tempo!

Mas Noemia estava certa do que queria. Preparada para casar com sua primeira e única paixão, entrou na Catedral naquele 20 de maio de 1961 sem ter nenhuma

dúvida. Deu o seu coração para Anuncio, o maior ato de confiança que alguém pode realizar. E ele fez o mesmo.

A festa, com acordeon e pandeiro, foi no Real Hotel. Após a celebração, naquela mesma noite, o casal foi a Porto Alegre de carona com um dos irmãos de Anuncio. O noivo vomitou a viagem toda, o que acontecia quando não era ele que dirigia. Passaram três dias na Capital, no apartamento de outro irmão dele. Era a primeira vez que Noemia saía de Caxias.

De lá, foram a Montevideu de ônibus. Era a primeira aventura do casal. Depois daquela viagem, viriam muitas outras.

Um amigo uruguaio de Anuncio havia os convidado para conhecer o hotel dele na cidade. "Tiramos fotografia no hotel, que era coisa fina, mas fomos parar em outro, mais barato", lembra Anuncio.

Para o casal, isso não importou. Estavam sozinhos pela primeira vez, o que já era motivo de felicidade, e aproveitaram os bons momentos como recém-casados. Durante a lua de mel, que durou 10 dias, conheceram tudo o que Montevideu tinha a oferecer, faziam passeios, comiam cachorro quente.

Tinham a passagem de ônibus comprada para a volta a Caxias, mas mudaram os planos. Um amigo do pai de Anuncio, que estava por lá, ofereceu a eles uma carona. "Eu aceitei, porque achei que ia ser uma viagem mais gostosa de carro, mas foi horrível," lembra ele. "Pedi para ele passar no nosso hotel para pegar a mala e ele disse: 'Não.

Traz aqui no meu hotel'. E eu tive que levar aquela mala sanfonada, de papelão, nas costas. Durante a viagem, se a gente pedia para parar, era um sacrifício. Achava ruim que a gente abrisse o vidro, mas fechado, era um calor danado. E no meio do caminho, descobrimos que, na verdade, não era carona, ele queria nos cobrar. Foi uma viagem de cão."

Mesmo essa lembrança, hoje, é contada com bom humor. Mas na época, a situação financeira era bem apertada. Noemia, logo ao ficar noiva, parou de trabalhar. Os chefes, segundo ela, tinham medo que a funcionária engravidasse. Então, ao saberem do noivado, a indenizaram. Com esse dinheiro, ela comprou os materiais para a confecção do vestido de noiva, feito pela irmã mais velha, e pagou por parte dos seus convidados. Anuncio, com o dinheiro extra que ganhou vendendo alguns cachorrinhos (tinha criação), pagou pelo quarto do casal, que os irmãos de Noemia, marceneiros, fizeram, e pelos seus convidados do casamento.

A primeira residência deles foi de aluguel, em uma casinha de madeira ao lado da churrascaria, onde Anuncio seguia trabalhando. E como muitos recém-casados, a casa foi improvisada com o que era possível investir naquele momento. O que não era muito. A geladeira era usada, o fogão tinha apenas duas bocas, o sofá não tinha os braços (e nunca chegou a ter). A casa se resumia a uma pequena sala, cozinha, quarto de casal e banheiro.

Anuncio, como ele mesmo descreve, "sossegou" ao se casar. Mas Noemia sentia-se ainda muito perdida perto

da família dele. "Eu saí de um mundo e fui para outro. Eram todos homens. E a minha sogra falava pouco. Logo, fiz amizade com as empregadas da churrascaria, sempre fui do lado dos mais humildes, como sou até hoje."

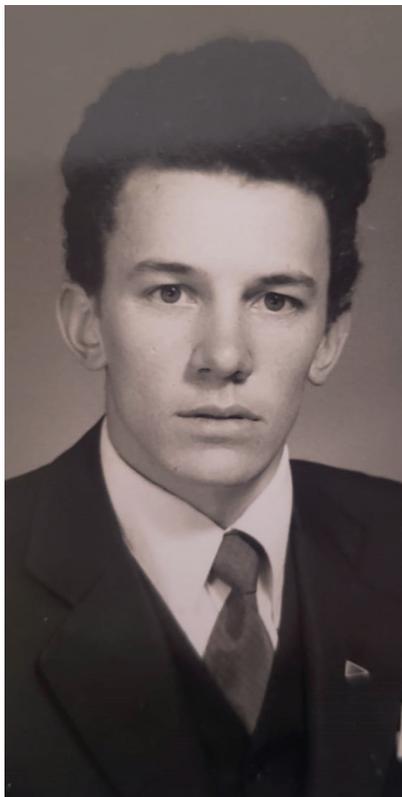
Foi naquela casinha ao lado da churrascaria que o casal começou a pensar na ideia de formar uma família. Ter filhos era o sonho de Noemia, que adorava crianças desde jovem. Mas isso demorou até se tornar realidade. E quase não aconteceu.



Noemia Lentz da Silva e Anuncio Michelin na juventude.



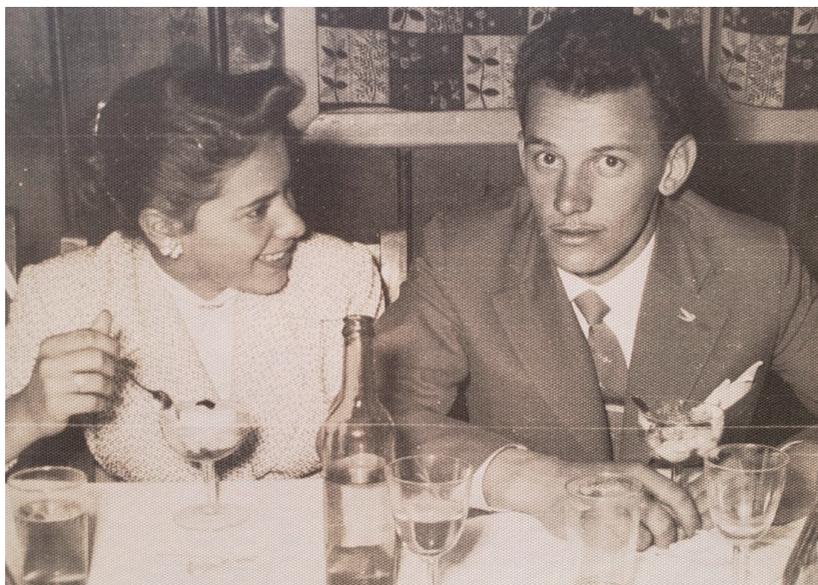
Acima: família de Anuncio. Abaixo, a de Noemia.



Noemia, aos 13 anos de idade, cantando no Clube Pombal.
Anuncio aos 16, época que a conheceu.



Apesar de cantar, Noemia era tímida e reservada. Já Anuncio sempre foi fã de emoções: na foto ao lado, banho de óleo após seu primeiro voo solo. Abaixo, à direita, os dois durante o namoro, em Caxias do Sul.

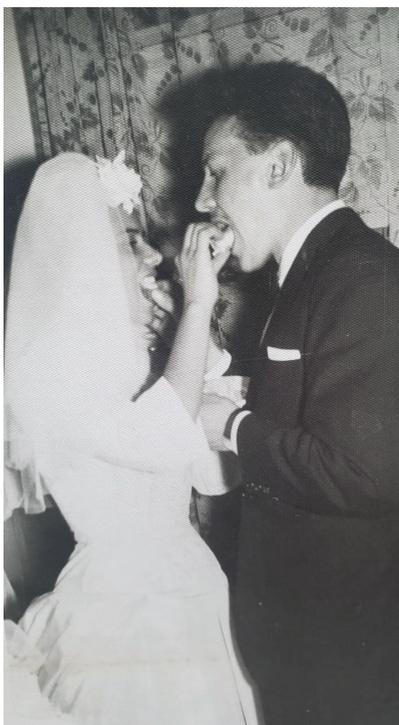




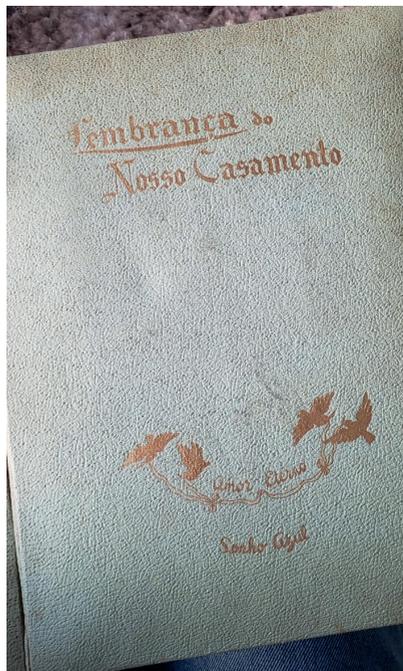
Diversão nos bailes de Carnaval da cidade.



Casamento, em 1961.



A festa foi realizada no Real Hotel.



Acima: no dia do casamento; álbum da cerimônia.
Abaixo: lua de mel em Montevideú.

Diversão em Santa Terezinha

Anuncio e Noemia tentaram engravidar durante quatro anos, sem sucesso. Ela foi diagnosticada com um problema nas trompas e o médico queria operá-la, removendo seu útero, para que o caso não piorasse. Foi um choque para o casal, especialmente para Noemia, que via o seu sonho de ter filhos ser despedaçado.

Parte da cirurgia já estava até paga quando um conhecido deles, ao saber da história, indicou outro médico, em Porto Alegre. Lá, desanimados, contaram tudo o que já haviam tentado, e o profissional indicou um outro tratamento, sem cirurgia. Eles voltaram a Porto Alegre durante mais seis meses. iam de ônibus ou pegavam o carro emprestado de alguém (só tiveram o carro próprio anos mais tarde).

"Até que o médico disse: 'Vão para a praia e façam o dia inteiro, que agora está livre'. E fomos para Santa Terezinha, na casa do meu irmão e cunhada. Foi quando a Noemia foi para a praia pela primeira vez. Cada vez que desaparecíamos, a cunhada dizia: 'Não mexe lá, porque está ocupado.' Nós desaparecíamos a cada hora para ver o que dava", lembra Anuncio.

E foi assim que o primeiro filho, Carlos, foi concebido. "Depois desse tratamento, fiquei grávida. Demos o nome invertido do Anuncio, que é Anuncio Carlos: Carlos Anuncio. Olha como a gente era apaixonado!", reflete Noemia, que desde o casamento, adotou o sobrenome Michelin.

Logo depois de Carlos, que ficou conhecido como Kako, veio Carla. Cinco anos depois, Ricardo. Três filhos, para quem tinha vislumbrado uma vida com a possibilidade de nenhum, foi um presente maravilhoso. Todos vieram ao mundo com a ajuda da mesma parteira, Ana Rochette, que ficou muito amiga da família. "Eu amei ter filhos. Com eles, a nossa vida mudou," diz Noemia. "Ela teria morrido se não tivesse tido filhos. Eu não era tão fanático por crianças, tanto é que quando disseram que iam operar ela, eu nem fiquei tão abalado. Eu dizia 'não fica preocupada. Para mim, não precisa vir filhos'. Hoje, eu adoro eles. É um melhor que o outro. Minha família é uma joia. E a culpada é a Noemia, que é a mais jeitosa e que resolve tudo sem problemas, sempre."

"Toca mais meia hora por 75 reais?"

Foi o jeito de Noemia que fez com que Anuncio se apaixonasse por ela: tranquila, quietinha, de olhar meigo. Mas com o passar dos anos, ela ficou cada vez mais parecida com Anuncio, que sempre gostou de sair, dançar, falar. Hoje, quem mais fala no casal é ela.

Ao longo do casamento, eles participaram de muitos bailes, mesmo quando os filhos eram pequenos. Aquela frase: "Eu não larguei mais", que Anuncio disse ao comentar o primeiro baile que se encontraram nos anos 50, não foi exagero. Os dois realmente dançaram, e ainda dançam, muito. "Nós sempre fomos o casal que

não perdia nenhum baile," conta Noemia.

Eles tinham um grupo de amigos que se reunia para essas festas. Ficavam até mais do que o fim de cada baile. Chegavam a oferecer dinheiro para a banda seguir tocando para eles, enquanto tomavam caninha pura. "Uma vez, em um baile de chopp no Recreio Guarany, já tarde da noite, ofereci R\$ 75 para uns alemães tocarem por mais meia hora. O alemão disse: 'Vai para casa fo*** tua mulher que tu ganha mais'", conta Anuncio, imitando o sotaque alemão. Os dois sempre riem ao contar essa história.

Como um dos casais do grupo sempre acabava faltando ao baile (nunca Noemia e Anuncio), os outros saíam da festa de madrugada e iam até a casa desses que estavam dormindo. Tiravam o violão do carro e faziam serenata na janela dos amigos, até que eles acordassem e lhes oferecessem algo para comer e beber. Em outras noites, saíam dos bailes do Juventude e iam direto para a missa das 7h da manhã. Anuncio, mais religioso, assistia tudo. Noemia dormia no seu ombro. Em outras madrugadas, após as festas, entravam pela porta dos fundos da churrasceria da família Michelin, onde Anuncio fazia chuletas para todo o grupo às 5h da manhã. No Réveillon, era tradição fazer a serenata para Osvaldo, pai de Noemia, que fazia aniversário nesta data.

Três filhos e três empregos

Ele trabalhou na churrascaria por 28 anos, e chegou a assumir como gerente, até ela ser vendida em 1965. O espaço que a churrascaria ocupava foi alugado para a Companhia Industrial Rio Guaíba, empresa que Anuncio trabalhou como representante por 20 anos.

A função exigia que ele viajasse muito. Enquanto isso, Noemia acompanhava de perto o crescimento dos filhos. "Eu ficava com as crianças. No colégio, eu era o Dia das Mães e o Dia dos Pais." Kako, segundo ela, tinha traços incendiários. "Adorava pegar um fósforo e fazer um foguinho. Ele quase incendiou a casa da minha sogra e o depósito de carvão," lembra. Ricardo, o mais novo, apesar de ser mais tranquilo, também deu neles um grande susto. Aos oito meses de vida, caiu e fraturou o crânio. Felizmente, e diferente do que os médicos disseram, não teve sequelas. Já Carla, conta a mãe, nunca deu trabalho algum. E com o tempo até se acostumou com a ideia de ter dois irmãos meninos. "Quando ela tinha 5 anos, o Ricardo nasceu. Mas ela queria uma menina. Enquanto eu estava no hospital, o Anuncio foi dar a notícia para ela, animado: 'Carla, tu ganhou um irmãozinho!' E tudo o que ela disse foi: 'Já sabia', virando o rosto e saindo, sem dar a menor bola. Depois, ela me ajudou muito a cuidar dele."

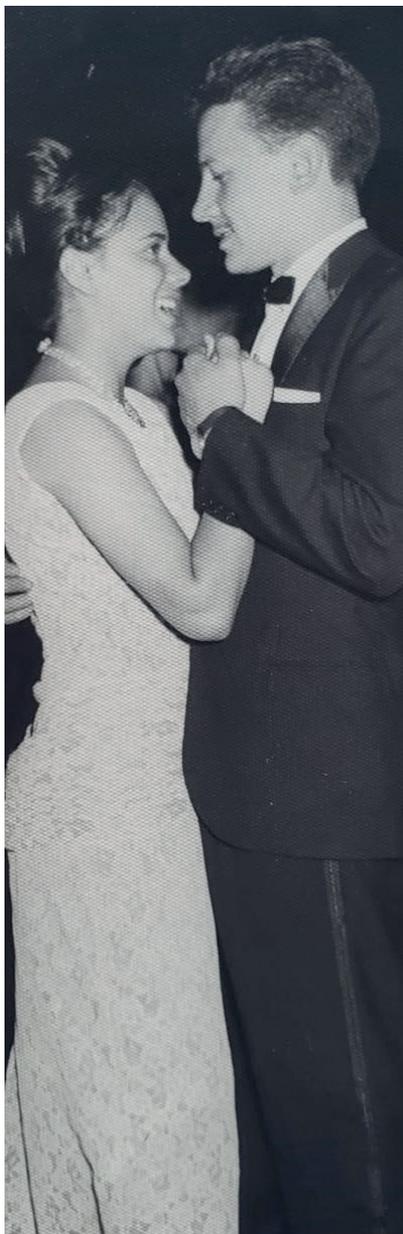
Por muito tempo, Noemia teve vontade de ser professora. Mas os acontecimentos da vida acabaram

não permitindo. Por 16 anos, foi catequista, função que a deixou realizada.

Anuncio fundou a Paramalhas na década de 70, empresa de venda de máquinas e acessórios para malharias, que chegou a ter filiais em Porto Alegre e São Paulo. O ritmo de trabalho ficou ainda mais intenso. "Isso nunca atrapalhou o nosso casamento. Mas a Noemia era muito paciente", ele conclui.

As coisas foram melhorando financeiramente e ficando mais confortáveis. Depois da casa alugada, que acabaram comprando, adquiriram uma espaçosa casa na rua Os 18 do Forte, onde moraram por 40 anos.

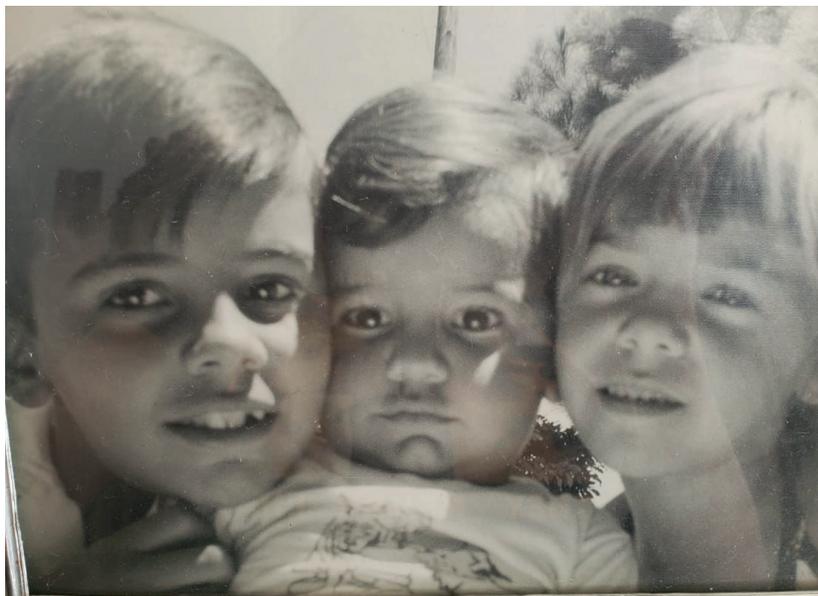
Em 2013, mudaram-se para onde vivem hoje, um apartamento na rua Pinheiro Machado com uma vista encantadora em que é possível admirar o pôr do sol. Anuncio trabalhou na Paramalhas até pouco tempo atrás. Hoje, ainda passa por lá semanalmente.



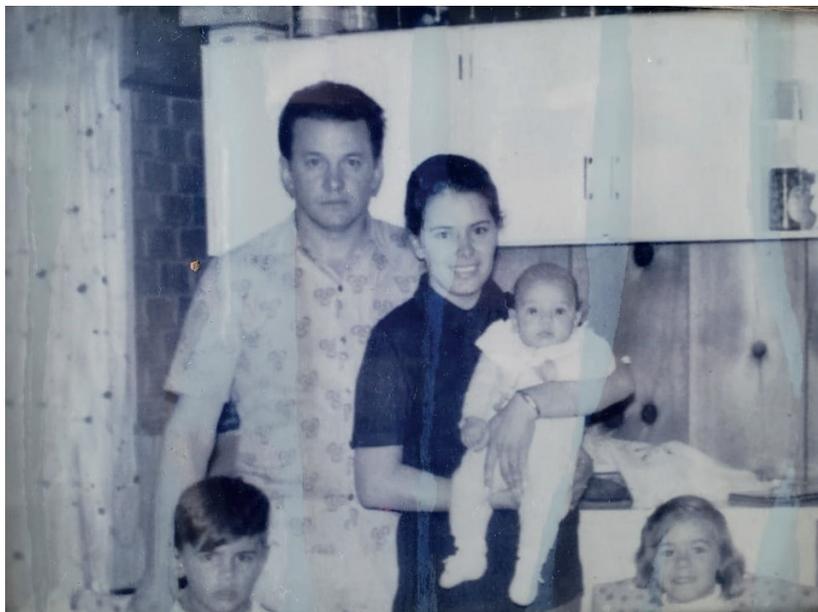
Recém-casados, continuaram frequentando muitos bailes.



À esquerda: casados, ainda sem filhos.
À direita: grávida de Kako (foto 1) e grávida de Ricardo (foto 2 e 3).



Kako, Ricardo e Carla: os três filhos do casal.



Acima: casa de madeira, a primeira do casal.
Abaixo, já em uma nova residência.





O casal sempre era o último a ir embora das festas.



Acima: outra visita a Montevideú; Abaixo: a família em viagem de motorhome para Bariloche. Eles tiveram mais de um modelo.



Macacos, papagaios, abelhas e saguis

Foram décadas de muito trabalho. Anuncio com o emprego, Noemia com os filhos, a casa e os trabalhos voluntários. Mas essa história também teve capítulos de muito lazer.

A primeira grande viagem que fizeram com os filhos foi até Recife, de carro, nos anos 70. Foram pela beira-mar e voltaram pela BR-116. Como se a viagem já não estivesse emocionante o suficiente (cinco pessoas em um carro atravessando o país), Anuncio resolveu comprar dois saguis e um papagaio em Sergipe. Colocou os três em gaiolas em cima do carro. A cada parada em hotel, tinham que escondê-los para poder entrar com os animais. Um dos saguis morreu no caminho.

Anuncio tinha esse afeto por animais exóticos. Quando era solteiro, teve um macaco de estimação por muitos anos. Certo dia, o macaco fugiu da churrascaria e entrou na casa da vizinha, fazendo um estrago em suas maquiagens. Também tiveram papagaios. Um falava tudo, especialmente "tchau" para as visitas, que se sentiam na obrigação de ir embora. O papagaio acabou morrendo por causa das abelhas, outra paixão de Anuncio. Apicultor há 50 anos, até hoje ele cria abelhas, e tem 28 enxames no sítio.

Elas já renderam muitas histórias tragicômicas: uma vez, atacaram um homem que estava colocando a antena na casa deles. Outra vez, picaram os dois às vésperas de

um casamento. Anuncio, picado no rosto, teve que ir de óculos de sol para esconder as marcas. Noemia foi com o tornozelo inchado. Certa ocasião, um enxame de abelhas saído da casa deles atacou os clientes da sorveteria da frente. "O Anuncio sempre estava viajando nessas horas..." alfineta Noemia. "Eu sempre gostei muito de bichos. Se eu via uma ovelha na estrada, eu parava o carro, comprava e trazia."

Quando as crianças eram pequenas, a família viajava de carro e acampava de barraca. Mas a vontade do casal, especialmente a dele, era ter um motorhome. Conseguiram comprar o primeiro, usado, lá pelos anos 80. Depois tiveram outros modelos e as viagens foram ficando cada vez mais agradáveis. O motorhome chegou a ser usado nas viagens de trabalho de Anuncio, alguns anos mais tarde. Em vez de ficar em hotel, dormia no motorhome, onde até recebia clientes para reuniões. Noemia, quando os filhos cresceram, o acompanhava. "A gente sempre economizou," diz ela.

***"Entre brigas e beijos. É mágoa, é desejo.
É sonho, é ternura"***

Nas festas, no entanto, nunca se economizou muito. E a família Michelin gosta de uma festa!

Além dos bailes de chopp que Noemia e Anuncio frequentavam, eles foram convidados para ser comen-

dadores de muitos bailes gaúchos e de bailes sociais do Recreio da Juventude. Também sempre fizeram questão de comemorar as bodas com grandes produções. E com muitos amigos, além da família.

Na festa de 50 anos de casamento, os convidados saíram dizendo coisas do tipo: "Já fomos em muitas festas, mas igual a esta, nunca", orgulham-se, ao contar. Os Irmãos Guerra tocaram naquela noite, que, lógico, teve muita dança. "Foi uma maravilha", conta Anuncio. "A minha família, para diversão, não tem coisa melhor! Acho que puxaram a nós."

Naquela celebração, que iniciou na igreja, Noemia cantou uma versão de "Fascinação" criada por ela, acompanhada por um tocador de órgão:

"Os sonhos mais lindos sonhei
E com alegria todos realizei
Os anos passando
Os filhos chegando
Mais alegria e os netos também..."

Depois, na hora da festa, mudou um pouco o estilo e entrou no salão do Juventude cantando outra versão adaptada:

"Entre brigas e beijos
É mágoa, é desejo
É sonho, é ternura..."

Usava uma flor no cabelo, e Anuncio, que a acompanhava, terno branco e chapéu de lado. "E todos acharam o máximo! Diziam: 'Esse é o casal Michelin', porque a

gente tinha fama de brigar,” conta Noemia.

Certo ano, celebraram o aniversário em Portugal, e no outro, os filhos e noras fizeram uma surpresa e reservaram uma pousada, que encheram de fotos da família mandando beijos. A família sempre fez questão de comemorar essa data com eles. “Nunca deixamos essa data passar”, diz Noemia.

A sala da casa deles hoje é cheia de álbuns de fotografias das festas das bodas do casal. Para os 60 anos, em maio de 2021, tinham uma festa maior ainda planejada, mas a pandemia obrigou que os planos mudassem. Após terem pego Covid-19 no final de 2020, e se recuperarem bem, planejam um pequeno encontro de família para comemorar a data, agora que já estão vacinados.

Quadros de fotos dos netos também enfeitam a sala. Hoje, Noemia e Anuncio têm seis netos: Vitória, Izadora e Bernardo, filhos de Kako, casado com Lila; e Caio, Tomas e Mateus, filhos de Carla, casada com Caique. Ricardo, o filho mais novo, casou-se com Sandra. E no casamento de Carla e Caique e de Ricardo e Sandra, Noemia cantou músicas que ela mesma criou para as ocasiões.

Anuncio e Noemia, muito apegados à família, adoraram ser avós, assim como adoraram ser pais. Além da tradição de que Noemia canta em datas especiais, criaram-se outras: Anuncio se vestiu de Papai Noel no Natal durante muitos anos. Em certo ano, levou uma ovelhinha branca à festa que a família celebrava no Real Hotel. Ela deixou uma estradinha de cocôs pelo caminho.

A família também gosta de se reunir na praia de Torres, com quem tem uma relação de muito afeto. Anuncio teve lancha e barco na marina do rio Mampituba e agora tem um jetski. Hoje, eles têm um apartamento por lá, mas durante 15 anos tiveram uma casinha em Torres, que compraram para colocar o motorhome ao lado, onde passavam todos os verões.

Mais tarde, o casal conheceu a Europa, China, Estados Unidos, Jerusalém. Também tiveram a chance de visitar Canadá, Turquia, México e Argentina. Guardam até hoje as fotos. E as lembranças de lugares maravilhosos.

O bispo abriu a janelinha do avião

Já ficou claro, a essas alturas, que este casal é realmente digno de livro. Em 67 anos juntos, são muitas histórias para lembrar. Todas, felizmente, acabaram bem. Até aquelas que tinham tudo para ser o contrário.

Anuncio, piloto desde a adolescência, nunca teve medo de nada — para o terror de Noemia. Afinal, é difícil ficar tranquila sabendo que o marido está voando de teco-teco por aí. Ainda mais quando ele não parecia se importar em beber um pouquinho antes de pilotar. “Uma vez eu bebi demais e errei o aeroporto, fui acabar mais para longe,” conta ele, tranquilamente. “Quando bebe, ele perde o medo ainda mais”, completa Noemia.

Ele chegou a ser dono de avião com um sócio. E

eles usavam o meio de transporte, algumas vezes, até para ir pra praia. "Ele sempre foi uma pessoa que adora coisas assim, radicais...", ela diz. "Tanto que ele e o sócio chegaram a ter um girocóptero, espécie de aeronave suicida, que, graças a Deus, não chegaram a voar. Mas com os paraquedas puxados pela lancha, sim."

Anuncio também gostava de esqui na água (usando dois coletes salva-vidas, pois não sabe nadar), de andar de moto (chegou a ter quatro de uma vez) e encarava várias aventuras com o motorhome da família.

Uma vez, estavam na Serra do Rio do Rastro, de motorhome, debaixo de um temporal horrível. Para dificultar, engatado no motorhome, havia um carro. Anuncio parou na polícia e perguntou:

— Dá pra subir?

— Se quiser, pode ir, mas eu não aconselho, porque está feio - respondeu o policial.

— Então nós vamos pelo outro lado - disse Anuncio, tranquilizando Noemia.

De repente, ela percebeu que eles estavam fazendo exatamente o caminho que o policial recomendou não fazer. Enquanto subiam a serra, Noemia rezava o terço.

Chegaram todos vivos da viagem.

O mesmo aconteceu com as aventuras de avião. O Bispo Dom Paulo, amigo da família, estava almoçando na casa deles, e após uma perdizada e vários copos de vinho, soltou:

— Ai, eu adoraria ver as minhas paróquias lá de cima...

— Vamos lá, então! - convidou Anuncio.

“Quando eles voltaram do voo, eu disse ‘Meu Deus, o que aconteceu com vocês?’”, conta Noemia. Em cada paróquia, Anuncio, acostumado com o sobe e desce do avião, baixava o teco-teco para que o bispo a visse mais de perto. Dom Paulo acabou passando mal. Na saída do avião, ao encontrarem Noemia, Anuncio estava normal. Já o bispo, além de passar mal, estava todo descabelado e sem os óculos (perdeu ao abrir a janelinha do avião). Dom Paulo, segundo eles, lembra da história até hoje e ainda é amigo da família. Casou dois dos filhos deles, celebrou as bodas de 50 anos do casal, bodas dos 50 dos pais de Noemia e esteve em outras ocasiões.

Tragédia grega

Mais do que serem amigos do bispo, Noemia e Anuncio sempre foram muito envolvidos em trabalhos voluntários ligados à igreja católica. Eles tinham como meta ajudar algumas entidades, como forma de retribuir tudo aquilo de bom que a vida havia trazido a eles.

Envolveram-se com o Instituto Bom Pastor, Casa da Mãe Solteira (nesta, Noemia atuou por 31 anos) e Clube de Mães Vovó Leopoldina, que ainda é presidente até hoje. Também coordenaram durante 40 anos o grupo de jovens Emaús. “Não adianta saber o Evangelho de cor e não fazer nada pelo próximo,” ressalta Noemia.

As missas e orações sempre fizeram parte da vida dos dois, ambos vindos de famílias religiosas. E em 2004, quando Anuncio foi diagnosticado com câncer de intestino, Noemia recorreu à Nossa Senhora Aparecida para ajuda. Prometeu que, se o marido melhorasse, iria ao Santuário, em São Paulo, e cantaria "Nossa Senhora". Após muitos tratamentos, Anuncio se recuperou. E cinco anos depois da promessa, Noemia foi até Aparecida e cantou em agradecimento. O marido a assistiu dos bancos da igreja, emocionado. E curado.

Não foi apenas em 2004 que a família pensou que poderia perdê-lo. As férias de 2018 quase acabaram em tragédia. Era o sonho do patriarca fazer uma viagem de navio. Não era o sonho de Noemia, que não gosta muito de estar na água, mas, para agradar o marido, que estava completando 80 anos, aceitou. Toda a família decidiu fazer o cruzeiro para a Grécia. Até a filha Carla, que hoje mora nos Estados Unidos, e a família dela, se encontraram com eles em Veneza. O plano era uma semana de diversão e comemoração, não mais do que isso, já que todos tinham os seus trabalhos ou estudos para voltar. Mas a viagem acabou sendo alongada.

Tudo estava correndo bem. Dias e noites de celebração aos 80 anos de Anuncio, que foi até homenageado no navio. Comida e bebida à vontade. Anuncio se divertiu tanto que esqueceu que era diabético e também que precisava tomar um remédio para pulmão e coração diariamente. Na verdade, não esqueceu. Mas os dias es-

tavam tão divertidos que ele achou que não precisaria de nenhum tratamento. Noemia tentava avisar, mas o marido não queria saber de repreensões na semana do aniversário. Ela deixou assim.

Até que acordou uma manhã na cabine e viu que ele não estava bem. Sua respiração estava estranha e ele dizia que o quarto estava abafado. Noemia já sabia que isso só podia significar água nos pulmões, o que o remédio suspenso teria evitado.

O cruzeiro, apesar de ser destinado ao público mais velho, não estava preparado para atendimentos médicos para a terceira idade. Tentaram algumas injeções, mas sem resposta. O comandante do navio avisou Noemia que a equipe chamaria um helicóptero para retirar o marido do navio e encaminhá-lo a um hospital. Mas voltou alguns minutos depois, dizendo que o helicóptero não chegaria até onde eles estavam. Que a única saída seria desviar da rota e voltar quase duas horas com o navio até a cidade mais próxima.

Foi comunicado para todo o cruzeiro que a viagem teria que mudar porque um brasileiro estava precisando de atendimento médico. Anuncio, a essas alturas, nem estava mais consciente. Tanto que Noemia se despediu dele e ele nem se lembra dessa cena. Quem desembarcou com o pai foram os dois filhos. O restante da família precisou seguir no navio, inclusive a esposa. "Só que na Grécia falam tudo grego!" diz Anuncio. "Eles tinham que usar o Google para se comunicar, até que apareceu uma médica que falava inglês."

Anuncio ficou entubado e inconsciente durante quatro dias. Depois, mais 10 dias no hospital grego se recuperando. Até hoje, é lembrado por muitos como “o homem que trocou o rumo do navio”.

O que sobra é o amor

Olhando para trás, algo que é sempre bom, o casal reconhece que a vida até agora foi tudo, menos monótona. Hoje, os dias são mais tranquilos. Anuncio dorme até mais tarde, dedica seu tempo a cuidar das abelhas quando é época de mel, lê o jornal. Noemia acorda mais cedo. E como uma geração de mulheres da sua idade, tem o hábito de deixar o café do marido servido, junto com os remédios do dia (hoje, ele não fica mais sem tomar), além de cozinhar diariamente. As brigas também não são tão mais intensas, já que com o tempo, aprendeu-se a relevar muitas coisas.

Diferente de muitos outros casais dessa idade, eles ainda dormem juntos. “Quando chega uma certa idade, a gente não é mais o mesmo. Mas a gente segue junto. Porque o amor não se resume a sexo não, eu sabia que um dia isso iria acabar. Ele, eu acho que não,” ela diz, olhando para Anuncio, que faz cara de quem não teve outra opção, senão aceitar. “O que resta é o carinho, a atenção, o respeito.”

O casal concorda que está completando tanto tempo junto porque soube como superar os obstáculos. Que

não foram poucos. "Sempre chegamos à conclusão de que valia a pena viver junto," dizem. "Quando nós casamos, eu tinha certeza que ia dar certo, que eu gostava dele, que ele gostava de mim. Mas não pense que chegar aos 60 foi fácil!", diz Noemia. "Aos 17 anos de casamento, nós quase nos separamos, não lembro por que. Mas nunca chegamos a isso. Sempre nos acertamos. Eu casei com a pessoa certa", ele diz.

"Acho que agora, não nos separamos mais, né?", pergunta Anuncio, olhando para ela.

"Acho que não...", responde Noemia. Os dois se olham e, mesmo sem dizer isso, deixam claro que sabem que os anos seguintes podem trazer novos obstáculos. Mas que tudo estará bem. Pois eles têm tudo o que precisam: um ao outro. "Agora o nosso sonho é viver para ver os nossos bisnetos."



Viagens a Los Angeles, China e Europa.



Acima: passeio em Santarém.
Abaixo: em um dos bailes gaúchos; nos 50 anos de Noemia.



Cerimônia religiosa para as Bodas da Prata. Abaixo: Noemia cantando em Aparecida, após a recuperação do marido.



Anuncio, com as abelhas que cria na chácara. Para o aniversário de 60 de Noemia, ele surpreendeu a mulher com uma farda emprestada.



Fotos são sempre guardadas com carinho por Noemia. Acima, ela segurando uma foto da época do namoro, Abaixo, ela, Anuncio e os netos.



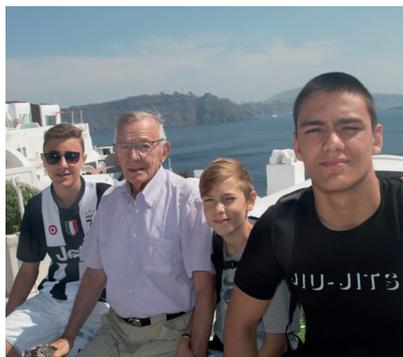
Bodas de Ouro celebradas com a família.



No Cruzeiro na Grécia; antes de Anuncio ser hospitalizado. Acima, o casal com os filhos, noras e genro; abaixo, com os netos.



Com Kako, Lila, Vitória, Izadora e Bernardo.



Com Carla, Caique, Caio, Mateo e Tomaz.



Com Ricardo e Sandra.







Dos netos para os avós

Vô e vó, eu só quero dizer que amo vocês dois muito e agradecer aos dois por tudo que vocês têm feito por nós. Feliz 60 anos de casados!

Mateo



Vó e vô, feliz 60 anos de casamento e feliz aniversário, vó. Eu amo vocês muito e eu agradeço a Deus por ter vocês na minha vida, tudo de bom e muito amor pra vocês.

Tomaz

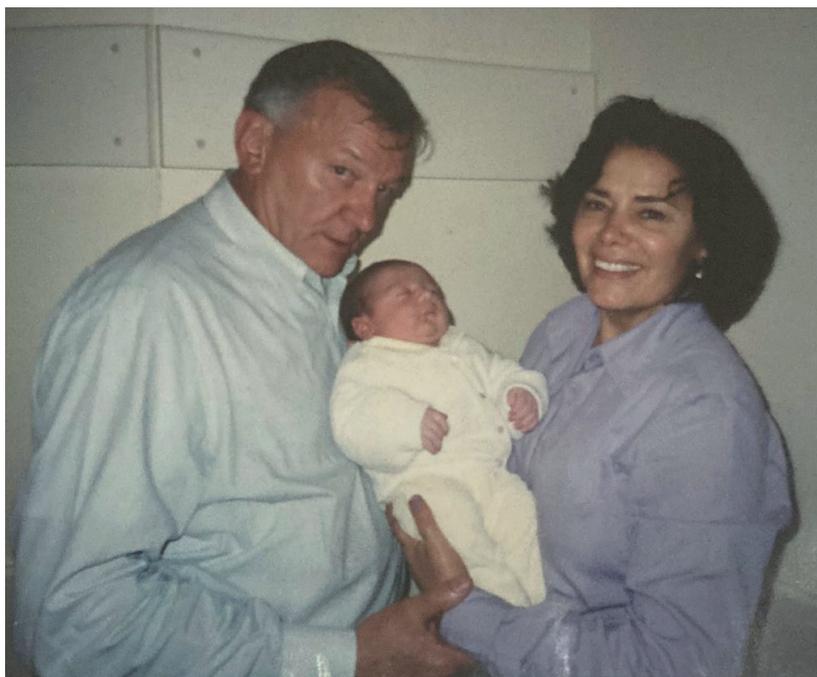


Vó e vô, vocês são um excelente casal. Com muita fé, amor, saúde, alegria, força, paz e carinho.

Nós todos temos muito orgulho de ter vocês. Continuem desse jeito que vocês são.

Que Deus abençoe vocês sempre. Vocês sabem que quando precisarem de qualquer coisa, eu estarei aqui. Feliz aniversário de casamento, Amém!

Caio



Vocês criaram tudo isso...

Vocês criaram essa família perfeita.

Festas de aniversário, sushi à noite, almoço nos domingos, cafés da tarde ou até mesmo as visitinhas na empresa para tomar um café... São momentos tão maravilhosos! E tudo isso não existiria sem vocês. Vocês criaram tudo isso...

O tempo passa e nos torna cada vez mais sentimentais, mais maduros, mas ao mesmo tempo, crianças de novo. Nascermos, crescemos, trabalhamos feito loucos, criamos uma família, cansamos da vida adulta, entendemos que não tem volta, aproveitamos o máximo, o corpo cansa, mas a mente não... e o 'tudo isso' que se cria, se torna cada dia mais importante, cada momento se torna mais valioso, como se nossos olhos tirassem fotos.

Por isso estamos aqui, resumindo 60 anos em um dia de muita festa, para agradecer esses momentos que vocês nos proporcionaram. E só tenho uma frase para descrever esse dia:

Amo muito tudo isso!

Izadora



Queridos avós,

São tantos momentos únicos que vocês me proporcionaram que me fazem perceber o quão importante e bom é estar com vocês:

Como é bom jantar com vocês em um restaurante especial ou a comidinha especial da vó, aquele quibe maravilhoso, a farofa que só a dona Noemia sabe fazer ou até mesmo os pães de queijo, que nos divertimos até mais fazendo do que comendo.

Como é gostoso ouvir vocês, ouvir as confusões que o doutor Anuncio já se enfiou, das longas viagens feitas, dos contos de aprontes do Kako e das histórias únicas que vocês contam. Apesar das indiadas nas histórias, sempre contém relatos inspiradores, que me incentivam a querer estar onde vocês já estiveram.

Como é divertido passar momentos com vocês, nos aventurarmos de lancha ou jet, ir pra praia comer um milho verde com a vó, presenciar as aventuras do vô e dar risada a toa.

Até a missa ficava divertida com vocês, mais divertida ainda se tivesse aquele passeio nos camelôs depois.

Estar com vocês são sempre momentos únicos, hoje, mais do que nunca, agradeço por ter vocês ao meu lado, a energia, a paz e o sentimento de união que vocês me transmitem é inexplicável. Eu admiro muito quem vocês são e a nossa família, me orgulho em fazer parte dela e me orgulho das pessoas incríveis dela. São tantas experiências, histórias, aprendizados e alegrias vividos com nossa família que me fazem sentir completo. Tudo isso só existe graças a vocês.

Obrigado!

Amo muito vocês, Bernardo.
Do seu neto querido, Bernardo.



Vó e Vô, que felicidade poder comemorar uma data quase que extinta nos dias de hoje: 60 anos de casados, bodas de diamante!

Uma data tão rara por se viver na geração da 'rapidinha'. Há beijos sem muita conversa, olhares sem profundidade, vontade sem entusiasmo. As relações terminam antes mesmo de começarem. Os casais perderam o olho no olho, os agrados, as surpresas. Perdeu-se a paciência, a tolerância. Se não gostou, acaba tudo. Se estragou, compra um novo. Quase nada se conserta.

Mas vocês dois não. Óbvio que não foi tudo flores. Teve muito 'entre tapas e beijos'. Mas teve muito mais beijos. Teve muito mais mãos dadas, abraços, apoio, sonhos realizados. Muito mais bilhetes embaixo do prato, jantares românticos, surpresas.

Pode não ter tido finais de semana em Gramado, mas teve casa na praia, acampamentos, viagens. Teve passeios de motorhome. Teve jantares na casa da vó, teve Natais em família, homenagem, festas de bodas. Teve Papai Noel que vem de buggy, papai Noel com ovelha no Hotel Real... Teve enxames de abelhas em São Pelegrino, teve cavalo que comeu polenta, teve macaco na churrascaria. Teve namoro do lado do pai ouvindo o radinho ou os chás de pêras acompanhando os passeios. Teve choro, risada, aprontes. Teve serenatas de madrugada na casa dos amigos, bailes, danças até o sol raiar. Teve preocupação, cuidado. Teve desvio do navio e diárias na UTI da Grécia, teve pandemia. Teve muuuuitas visitas aos médicos. Teve perdas e ganhos. Teve despedidas, reencontros, desencontros. Teve beijos roubados, propostas de fuga. Teve filhos, netos, vai ter bisnetos. Aliás, pode não ter tido os melhores filhos, mas compensou nos netos.

Pode não ter sido um mar de rosas, o casamento mais tranquilo, mas teve e tem muito amor. Amor que ultrapassou vocês dois e passou por genética e energia para os corações de todo mundo que convive com vocês!

Temos muito orgulho do casal que vocês são. Vocês passaram por muitas coisas juntos e fizeram sempre com que o amor entre vocês vencesse. 60 anos de um amor longe do perfeito, mas muito verdadeiro! Que sigam assim: juntos e nos inspirando. Vocês são abençoados! E nossa família mais ainda por ter vocês!

Vitória



